

PADRE ANTONIO VIEIRA: EM UM TEMPO MAIS-QUE-PERFEITO

Joalêde Gonçalves Bandeira*
Instituto de Letras - UFBA

Palavras iniciais

Muitas características presentes, hoje, na língua portuguesa, advêm de um passado longínquo que precisa ser conhecido para melhor compreensão da língua na atualidade. É objetivo deste trabalho: 1) analisar e descrever o uso do pretérito mais-que-perfeito nas *Cartas da Bahia* e no *Sermão da Sexagésima* do Padre Antonio Vieira (Século XVII) ; 2) estabelecer e catalogar as funções e valores desempenhados pelo mais-que-perfeito simples e composto nos textos acima mencionados e 3) confrontar os resultados obtidos com as normas de uso estabelecidas pelas gramáticas tradicionais.

A obra literária que o Padre Vieira nos deixou é muito vasta e variada. Os sermões se constituem na maior expressão da herança literária de Vieira. As cartas abrangem mais ou menos, o número de setecentas, escritas em um período de setenta anos (1626 – 1697). Analisar estes textos significa entrar em contato com o português do século XVII, especificamente no que se refere ao uso do pretérito mais-que-perfeito, fato que é cerne deste trabalho, além de, embora pareça redundante, evidenciar a magnitude que é a própria obra de Vieira.

O tempo mais-que-perfeito

Embora o conceito de “tempo” tenha sido alvo de discussão desde os gregos, foi Reinchenbach¹ (1948) que formalizou uma interpretação temporal para as línguas naturais. Citado por Côroa (1985, p.21), esse autor definiu três pontos teóricos na linha do tempo: o que marca o momento da fala (MF), o que assinala o momento em que transcorre o evento (ME) e o terceiro ponto referencial (MR) para os dois primeiros. Partindo desta interpretação temporal, várias “equações” foram criadas para explicar o uso do tempo nas línguas naturais.

O destaque aqui será dado ao emprego do pretérito mais-que-perfeito, que é derivado da terceira pessoa do plural do pretérito perfeito. Considerando a teoria de Reinchenbach (1948 apud ILARI, 2001, p.14), a fórmula que caracteriza o pretérito mais-que-perfeito é:

$$ME \rightarrow MR \rightarrow MF$$

o qual é descrito de forma canônica como o tempo que situa o momento do evento antes do momento de referência que, por sua vez, é anterior ao momento da fala.

Huber em sua *Gramática histórica do português antigo*, editada originalmente em 1933, afirma que a língua portuguesa, conservou do latim as formas verbais do infinitivo, do gerúndio, do participípio (presente e passado), o indicativo nos seus tempos presente, pretérito imperfeito, perfeito e mais-que-perfeito, o subjuntivo presente e o imperativo.

* UFBA – aluna especial doutorado

¹ Primeiro lógico a formalizar uma interpretação temporal das línguas naturais.

Sobre o mais-que-perfeito, o mesmo autor nos diz que “o mais-que-perfeito simples tem, em geral, o significado do mais-que-perfeito latino, isto é, indicando uma ação que se concluiu antes de outra também no passado”.(HUBER, 1986, p.251).

Dias (1959, p.107) afirma que o pretérito mais-que-perfeito simples serve para exprimir uma ação passada, em relação a uma outra ação que se realizou ou se realizava e que, em orações subordinadas, pode estar relacionado com um presente de uma oração subordinante, quando esse presente tem o sentido de pretérito.

Said Ali (1964, p. 315) afirma que “quando queremos significar que certo fato ocorreu antes de outro fato passado, damos ao competente verbo a forma do mais-que-perfeito”. O mesmo autor faz referência à similaridade das terminações *-aram, -eram, -iram* com as do pretérito perfeito, mas explica que a ambigüidade é desfeita através do contexto. Para isso, orienta que seja usada, em lugar do pretérito mais-que-perfeito simples, a combinação “*tinham + participio do pretérito*”, ou seja, a forma composta.

O pretérito mais-que-perfeito sob a ótica da gramática normativa

Considerada a primeira gramática que se publicou em língua portuguesa, *a gramática da linguagem portuguesa*, de Fernão de Oliveira (1536), que, segundo as palavras do próprio autor, é uma "primeira anotação da língua portuguesa", não trata, especificamente, do pretérito mais-que-perfeito, mas traça considerações sobre o verbo, em especial sobre a conjugação, como se pode verificar na citação seguinte:

...darei, como de caminho, que coisa é conjugação, e em outra parte o repetirei ou declararei mais por inteiro: conjugação é ajuntamento de diversas vozes (...) As conjugações nossas ou dos nossos verbos são três e cada uma delas tem seus modos, como *falamos, falemos, falei, falar*). E cada modo tem seus tempos, como *falo, falava, falei e falarei*. E cada tempo tem seus números e cada número suas pessoas (...). (OLIVEIRA, 1536, p.122-123 apud COAN, 2003, p.19).

João de Barros, em sua *Gramática da língua portuguesa*, editada em 1540, em Lisboa, considerada a primeira verdadeira gramática portuguesa, traz informações sobre o aparecimento do verbo *ter* nos tempos compostos (do pretérito ou presente), explicando que o verbo *haver* só ocorre em dados referentes a situações futuras

A publicação da Gramática de *Port-Royal* (*Grammaire Générale et Raisonné*)², em 1660, representa um corte epistemológico e uma ruptura com o modelo latino, tendo em vista que seus autores queriam declarar o francês como uma língua perfeita. Os gramáticos de Port-Royal elaboraram e postularam princípios gerais, que se estenderiam a todas as línguas. Assim, afirmaram que, através das operações do espírito, o homem concebia, julgava e raciocinava. Tais operações serviam ao aspecto interno da linguagem e, a partir delas, os homens utilizavam-se dos sons e das vozes, ou seja, do aspecto externo da linguagem, para expressar o resultado das referidas operações. (LANCELOT; ARNAUD, 1992 apud SABÓIA, 2004). Nessa gramática, os usos verbais são apresentados como mais adequados à expressão francesa do que a de outras línguas românicas:

... como, porém, no passado se pode indicar que a coisa apenas acabou de ser feita, ou indefinidamente que ela foi feita, sucedeu que, na maioria das línguas usuais, existem dois tipos de pretérito: um, que indica a coisa precisamente realizada, sendo por isso chamado definido como *tenho escrito...*; e o outro, que a indica como feita de modo indeterminado, sendo por isso chamado indefinido

² Gramática Geral e Razoada

ou *aoristo*, como *escrevi*, o que não se diz propriamente senão estiver pelo menos afastado de um dia em relação àquele em que falamos; pois se diz bem, por exemplo, *eu escrevi ontem*, não, porém, *eu escrevi esta manhã*, nem *eu escrevi esta noite*... Nossa língua é tão exata na propriedade das expressões que não admite nisso nenhuma exceção, embora os espanhóis e italianos confundam às vezes esses dois pretéritos, tomando um pelo outro. Quanto ao mais-que-perfeito, indica duplamente passado (*jantara* ou *tinha jantado*),³ por ele marco minha ação de jantar não apenas como passado em si, mas também como passado em relação a uma outra coisa, que também é passada como quando digo: *eu tinha jantado quando ele entrou*...” (ARNAULD; LANCELOT, 1612-1694 apud COAN, 2003, p.20).

A *Grammatica Philosophica da Lingua Portugueza*, de Jerônimo Soares Barboza (1822), baseada na gramática de *Port-Royal* (1660), procura dar conta dos princípios particulares de funcionamento da língua. Sobre o pretérito mais-que-perfeito, o autor afirma:

... este pretérito (o mais-que-perfeito) nota uma existência não só passada, como o pretérito imperfeito (era), e não só passada e acabada indeterminadamente, como o pretérito absoluto (fui), e não só passada e acabada relativamente à época atual, como o presente perfeito (tenho sido); mas passada e acabada relativamente à outra época também passada... (BARBOZA, 1830, p. 217 apud COAN, 2003, p.20-21),

Pereira (1923) retoma a conjugação latina, mostrando que o português conserva do latim, *vozes, modos, tempos, números e pessoas*.

Entre os gramáticos contemporâneos, Cegalla (1984, p.162) apenas indica a existência dos três pretéritos e exemplifica a distinção entre eles, através de frases:

Ele trancava a porta (Imperfeito)

Ele trancou a porta (Perfeito)

Quando cheguei, ele já trancara a porta. (pretérito mais-que-perfeito simples)

Almeida (1999, p.229), por sua vez, ratifica a postura dos gramáticos que afirmam que o pretérito mais-que-perfeito é o “passado do passado”; propõe, também, a distinção entre os três pretéritos e para especificar o pretérito mais-que-perfeito utiliza o seguinte exemplo:

“Ele **saíra** quando eu entrei”

A ação expressa pelo verbo sair é anterior à ação de entrar. O autor traz à análise, a similaridade entre o uso das formas simples e composta do pretérito mais-que-perfeito, visto que, como explica, ao se utilizar a forma composta (imperfeito de um verbo auxiliar mais o particípio do verbo principal) “nenhuma diferença **de significado**⁴ existe”. (idem, p.229)

“Ele **tinha saído** quando eu entrei”

Rocha Lima (2003, p.123) apenas faz considerações sobre o tempo verbal, indicando as três possibilidades: presente, pretérito (três modalidades) e futuro (duas modalidades).

³ Grifo da autora

⁴ Grifo da autora

O conceito de “passado do passado” também é ratificado por Cunha (1975, p. 436) e, posteriormente, por Cunha e Cintra (2001, p.456) . Para comprovar essa afirmação utilizam os seguintes exemplos:

“Foi ao gabinete do marido, que já **devorara** cinco ou seis jornais, **escrevera** dez cartas e retificava a posição de alguns livros na estante” (Machado de Assis, OC, I, 721.) (CUNHA, 1975, p.436)

“O monólogo **tornara-se** tão fastidioso que o Barbaças desinteressou-se.” (Fernando Namora, Tj. 193). (CUNHA; CINTRA, 2001, p.456).

Com esses exemplos os autores mostram que o pretérito mais-que-perfeito “indica uma ação que ocorreu antes de outra ação já passada”, afirmando ser esse o “**valor normal**” do mencionado tempo verbal (CUNHA; CINTRA, 2001, p.457). Entretanto, é perceptível que essas definições de cunho exclusivamente gramatical sobre o pretérito mais-que-perfeito focam apenas a noção de tempo expressa pela forma verbal: uma situação passada ocorrida antes de outra também passada, o que, entretanto, não é suficiente para explicar o funcionamento do pretérito mais-que-perfeito em textos de registros diversos.

As funções desempenhadas pelo pretérito mais-que-perfeito

Como especificado acima, de um modo geral, os gramáticos apontam ser a função do pretérito mais-que-perfeito apenas a de indicar “o passado do passado”, entretanto, Cunha e Cintra (2001) consideram ainda que existam outras possibilidades de uso para o mais-que-perfeito, como as de expressar:

a) um fato vagamente situado no passado;

“**Casara, tivera** filhos, mas nada disso a **tocara** por dentro” (M. Torga, NCM, 55).

“No céu azul as últimas arribações **tinham desaparecido.**” (G. Ramos VS, 177).

b) um fato passado em relação ao momento presente, quando se deseja atenuar uma afirmação ou pedido.

“- Eu **tinha vindo** para convencê-lo de que Pedro é seu amigo e pedir-lhe que apoiasse Hermeto.” (C. dos Anjos, M, 243)

Por outro lado, na linguagem literária o pretérito mais-que-perfeito simples pode ser utilizado em lugar do:

a) futuro do pretérito – simples ou composto:

“Um pouco mais de sol – e **fora** [= teria sido] brasa,

Um pouco mais de azul – e **fora** [= teria sido] além,

Para atingir, faltou-me um golpe de asa...” (M. de Sá Carneiro, p.69)

b) e também do pretérito imperfeito do subjuntivo,

“Sê propícia para mim, socorre

Quem te adorara, se adorar **pudera!** (A. de Guimarães, OC, 139)

Já na “linguagem corrente” é, também, utilizado em certas frases exclamativas e optativas, a exemplo de “quem me dera!” [= quem me desse].

O *corpus* estudado, as *Cartas da Bahia* e o *Sermão da Sexagésima* constitui-se em uma excelente fonte de exemplos das funções desempenhadas pelo pretérito mais-que-perfeito.

O *Sermão da Sexagésima* é composto de 1.217 linhas, nas quais têm-se quarenta e duas (42) ocorrências do pretérito mais-que-perfeito simples e oito (8) do pretérito mais-que-perfeito composto, totalizando cinquenta ocorrências, distribuídas da forma abaixo, levando em consideração a equivalência do tempo verbal em estudo:

	PMQP composto Indicativo	PMQPS Simples Indicativo	FUTURO. PRETÉRITO Indicativo	PMQP subjuntivo	PRETÉRITO IMPERFEITO. Subjuntivo	TOTAL
PMQP SIMPLES	31	0	5	0	6	42
PMQP COMPOSTO	0	8				8
TOTAL						50

Quadro 1: Ocorrências do pretérito mais-que-perfeito (PMQP) no *Sermão da Sexagésima* e sua equivalência a outros tempos verbais.

Como se pode observar, o pretérito mais-que-perfeito simples ocorre:

- a) com o valor de futuro do pretérito do indicativo:

Diz Cristo que a palavra de Deus frutifica cento por um, e já eu me contentara com que frutificasse um por cento. (linhas 146/147) - **[contentaria]**

Observa-se que o mais-que-perfeito simples ocorre nesse período, seguido da locução conjuntiva com que em lugar da conjunção condicional se.

- b) com o valor de pretérito imperfeito do subjuntivo:

Se o lavrador semeara primeiro trigo, e sobre o trigo semeara centeio, e sobre o centeio semeara milho grosso e miúdo, e sobre o milho semeara cevada, que havia de nascer? **[semeasse]**

Se eu contentara aos homens, não seria servo de Deus. **[tivesse contentado]**

Como se pode observar, o mais-que-perfeito simples substitui qualquer um dos dois tempos verbais do período hipotético: o futuro do pretérito do indicativo ou o imperfeito do subjuntivo. Nota-se, também, que, no segundo exemplo, o futuro do pretérito foi substituído por uma locução verbal em que o verbo auxiliar está no imperfeito do indicativo, o que comprova que, já no século XVI, havia a possibilidade de um tempo verbal substituir, no período hipotético, o futuro do pretérito, como ocorre no português contemporâneo:

Se eu dissesse a verdade, ele brigava comigo.

- c) equivalendo ao mais-que-perfeito composto do indicativo:

Outra parte caiu no caminho, e pisaram-no os homens e comeram-no as aves. **[tinham pisado]**

O pretérito mais-que-perfeito composto equivale, sempre, ao pretérito mais-que-perfeito simples:

Tudo o que descobriu aquela cortina, tinha já dito o pregador. Já tinha dito daquela púrpura, já tinha dito daquela coma e daqueles espinhos, já tinha dito daquele ceptro e daquela cana. **[dissera]**.

Das *Cartas da Bahia*, escritas no período de 1651 a 1697, tomou-se por *corpus*, para esse estudo, apenas 25 cartas, procurando fazer equivaler o mesmo número de linhas das Cartas ao Sermão analisado (1.217 linhas), nelas foram encontradas quarenta e quatro (44) ocorrências do pretérito mais-que-perfeito simples e oito (8) do pretérito mais-que-perfeito composto, totalizando cinquenta e duas ocorrências, distribuídas da forma abaixo, de acordo com a equivalência do tempo verbal:

	PMQP composto Indicativo	PMQP Simples Indicativo	FUTURO. PRETÉRITO Indicativo	PMQP subjuntivo	PRETÉRITO IMPERFEITO. Subjuntivo	TOTAL
PMQP SIMPLES	31		5	1	7	44
PMQP COMPOSTO		8	0	0	0	8
TOTAL						52

Quadro 2: Ocorrências do pretérito mais-que-perfeito (PMQP) nas Cartas da Bahia e sua equivalência a outros tempos verbais.

O pretérito mais-que-perfeito simples ocorre:

- a) com o valor de futuro do pretérito do indicativo:

Mas o que eu mais quisera se lembrasse é que, no papel que mandou fazer sobre esta matéria, e está em sua real mão, o casamento que eu mais aprovava era o de Baviera,... **[quereria]**

- b) com o valor de pretérito imperfeito do subjuntivo:

Grandes são as fatalidades que V.S.^a me faz mercê referir, sucedidas no ano passado e pendentas para o presente, em que também as não considero menores; e, quando não houvera tantos avisos do Céu, bastava a pouca emenda e ser tão pouco o conhecimento da necessidade dela **[houvesse]**

- c) com o valor de pretérito mais-que-perfeito do subjuntivo:

Muito sinto dizer-me V.M.^{ce} que, tendo vindo o Sr. Roque da Costa à Baía e tornado a Lisboa, esteja agora em Lisboa como se não viera à Baía. **[tivesse vindo]**

- d) equivalendo ao pretérito mais-que-perfeito composto do indicativo:

Tomou por pretexto, influído do alcaide-mor, que ele fingira uma carta de S. A. a favor de Sebastião de Araújo: e como não bastasse mostrar-se-á a dita carta registrada, foi Deus servido que apareceu o próprio **[havia fingido]**

Observa-se mais uma vez, no exemplo b, que o imperfeito do indicativo do verbo *bastar*, substituindo o futuro do pretérito.

Nota-se ainda que, nas Cartas, o pretérito mais-que-perfeito simples é empregado, também, equivalendo ao mais-que-perfeito do subjuntivo, o que não ocorre no Sermão analisado.

Assim como no Sermão, o pretérito mais-que-perfeito composto equivale sempre ao mais-que-perfeito simples:

Duvidoso do perdão pelo que tinha experimentado, nem a pedi-lo a V.Ex^a. me atrevi. **[experimentara]**.

Como se pode observar, o valor etimológico do pretérito mais-que-perfeito, o do passado anterior, é predominante, tanto nas Cartas como no Sermão.

Levando-se em consideração a estrutura do verbo, verifica-se ser a forma simples, ainda, a mais empregada pelo autor.

Uma vez que o *corpus* escolhido foi, relativamente, pequeno, a análise aqui apresentada está longe de esgotar-se; muito ainda há para ser pesquisado e descoberto, especialmente, no que se refere aos contextos em que ocorre esse tempo verbal na sua forma simples e composta. Espera-se, em trabalhos futuros apresentar reflexões mais consistentes sobre o pretérito mais-que-perfeito na obra do Padre Vieira.

Referências:

ALMEIDA, Napoleão Mendes de. Gramática metódica da língua portuguesa. 44. ed. . São Paulo: Saraiva, 1999.

ARNAULD, Antoine; LANCELOT, Claude. *A gramática de Port-Royal*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

AZEVEDO, J. Lúcio de. Cartas do Padre Antonio Vieira. Lisboa: Imprensa Nacional, 1971. p.263-568. Tomo 1.

_____. Cartas do Padre Antonio Vieira. Lisboa: Imprensa Nacional, 1971. p.463-712. Tomo 2.

COAN, Márluce. *As categorias tempo, aspecto, modalidade e referência na significação dos pretéritos mais-que-perfeito e perfeito: correlações entre função (ões)-forma(s) em tempo real e aparente*. Tese (Doutorado em Linguística) – Curso de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, 2003.

CORÔA, Maria Luiza Monteiro Salles. *O tempo nos verbos do português: uma introdução à sua interpretação semântica*. Brasília: Thesaurus, 1985. 104 p.

COUTINHO, Ismael de Lima. *Gramática histórica*. 4.ed. ver. e aument. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1958.

CUNHA, Celso Ferreira da. *Gramática da língua portuguesa*. 2. ed. Rio de Janeiro: FENAME, 1975.

CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley. *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. 3 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

DIAS, Augusto Epiphânio da Silva (1918). *Sintaxe histórica portuguesa*. 3. ed. Lisboa: Clássica.

HUBER, Joseph. *Gramática do português antigo*. Tradução de Maria Manuela Gouveia Delille. Lisboa.:Fundação Calouste Gulbenkian. [1933].

ILARI, Rodolfo. *A expressão do tempo em português*. São Paulo: Contexto, 2001.

PEREIRA, Eduardo Carlos. *Gramática História*. São Paulo: Editora Monteiro Lobato & cia, 1923.

REICHENBACH, Hans. The tenses of verbs. In: _____. (ed.). *Elements of symbolic logic*. New York: The MacMillan Company, 1947. p. 287-298.

SAID ALI. *Gramática histórica da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1971.